



HISTÓRIA DAS MULHERES NOS ESPORTES E NA EDUCAÇÃO FÍSICA: MAPEANDO PRODUÇÕES CIENTÍFICAS – DE 2000 A 2008.

Julieta Furtado Camargo¹
Verônica Werle²
Maria do Carmo Saraiva³

Introdução

A dimensão de gênero está presente no amplo âmbito de relações que a prática da educação física abrange – como a educação física escolar, os esportes amadores, o esporte de rendimento, as vivências corporais nas mais diversas práticas no âmbito do lazer e da atividade física voltada para a saúde, entre outras –, e sendo assim, mostra-se como um importante aspecto a ser abordado por pesquisas científicas da área.

A respeito da produção científica sobre gênero na área da educação física, Agripino Luz Júnior (2003) esclarece que na década de 1970 os estudos de caráter biofisiológicos ainda estabeleciam as diferenças e semelhanças nas capacidades físicas de homens e mulheres, sugerindo a separação dos sexos nas práticas corporais. É na década de 1980 que surgem novas contribuições teóricas e científicas: os estudos sobre mulheres passam a estabelecer a perspectiva de gênero e, em contraponto ao postulado biológico, pelo qual se justificava uma condição feminina, surgem as compreensões sociais e culturais da construção do gênero. Os estereótipos sexuais e os preconceitos reforçados pela educação física ao longo da história e evidenciados nos primeiros estudos de gênero na área resultaram em menos experiências de movimentos para meninos e meninas e no impedimento de uma aprendizagem intercultural nas práticas esportivas.

O presente trabalho busca contribuir para esses estudos de gênero na área da educação física e esportes e, também, para a compreensão dos estudos realizados sobre a história das mulheres nesse contexto. O que está apresentado aqui é um recorte de uma pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos de Gênero e Dança (GEDA⁴) que consistiu em um levantamento das pesquisas sobre gênero na área da educação física no Brasil, tendo como fonte artigos científicos publicados entre 2000 e 2008 e que encontrou diversas categorias de análise nesse levantamento. Este recorte buscou

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Física – UFSC. E-mail: julieta.f.camargo@gmail.com

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Física – UFSC. E-mail: vewerle@yahoo.com.br

³ Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Educação Física – UFSC. E-mail: marcarmo@terra.com.br

⁴ Grupo de pesquisa registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq e certificado pela UFSC.



analisar os trabalhos referentes a uma das principais categorias encontradas: *estudos que desvelam o papel das mulheres e das identidades de gênero na história.*

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa exploratório-descritiva, de caráter qualitativo que levantou os artigos científicos sobre a temática em periódicos da área entre 2000 e 2008. As publicações científicas permitem seguir a evolução dos fenômenos e das situações no tempo como propõem Laville e Dionne (1999). Após a organização da documentação, empreendeu-se a análise de conteúdo, desvelando a estrutura e os elementos presentes. Foram identificados 16 artigos que desvelam o papel das mulheres e das identidades de gênero na história. Esta identificação deu-se pelos estudos que tem na abordagem teórico-metodológica a utilização de fonte histórica escrita, imagética e/ou oral.

Após um levantamento inicial na plataforma Qualis/Capes, fez-se a seleção das revistas que eram exclusivas da área da educação física, com edições disponíveis *online* e/ou impressas de fácil acesso. A identificação dos artigos sobre gênero aconteceu em 14 revistas consideradas de significativa circulação na área da educação física⁵. Para seleção dos artigos, fez-se a busca por temas/termos como *educação física e gênero, esporte e gênero, educação física e sexualidade, mulheres no esporte, diferenças e igualdade, homossexualidade, representações de masculinidade e feminilidade, mídia e imagens de gênero*, etc. A opção para o recorte de conteúdos foi pelo modelo misto, aquele em que as categorias tanto são selecionadas no início, quanto são modificadas e/ou acrescidas, em função do que a análise apontava. A forma preferencial desse recorte foi em temas, o que “pode melhor aproximar o pesquisador do sentido do conteúdo, pois ele se vê obrigado [...] a construir suas unidades de análise a partir de sua compreensão desse conteúdo” (LAVILLE e DIONNE, 1999, p.217). Todos os artigos selecionados foram lidos na íntegra e posteriormente analisados.

Neste estudo, das 16 publicações que continham artigos referentes à temática discutida aqui, 7 encontram-se na Revista Movimento, 5 na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 1 na Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, 1 na Revista Motrivivência, 1 na Revista Pensar a Prática e 1 na Revista Arquivos em Movimento. Não foram encontrados artigos referentes à temática em 8

⁵ Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Brasileira de Educação Física e Esportes; Revista Movimento; Revista Motrivivência; Revista Motriz; Revista de Educação Física da UEM; Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano; Revista Movimento e Percepção; Revista Pensar a Prática; Revista do JOPEF; Revista Arquivos em Movimento; Revista Esporte e Sociedade; Revista Ciência e Movimento; Revista Mackenzie.



revistas. Neste recorte buscou-se focar o olhar nas referências teóricas, no período histórico investigado e nos aspectos significativos desenvolvidos pelos/as autores/as.

O que dizem os estudos sobre a história das mulheres na educação física e esportes

Em relação às referências teóricas utilizadas nas fontes analisadas evidenciou-se maior contribuição de três autoras que são Ludmila Mourão (referenciada em 8 artigos), Silvana Goellner (em 7 artigos) e Guacira Lopes Louro (em 5 artigos). Esta evidência é bastante compreensível, visto que Mourão foi uma das pioneiras nos estudos da temática de gênero na área da educação física, Goellner tem sua vasta produção sobre história das mulheres no Brasil e suas representações na educação física, e Louro, cuja formação inicial é em história, tem a produção de conhecimento voltada para as linhas de educação e gênero. Apesar de não ter artigos publicados nos periódicos da educação física (ao menos no período investigado), Louro é responsável pela articulação da teoria Queer no Brasil, que aparece como uma possibilidade de interpretação atualizada da sexualidade, contra a normalização e heteronormatividade. A autora também é referência pelos aspectos teóricos metodológicos dos estudos de gênero, que permite um olhar sobre uma multiplicidade de feminilidades e masculinidades.

Além de ser citada pelos autores em vários artigos, Goellner também é autora e/ou co-autora em 7 publicações analisadas onde discute a construção do corpo da mulher na educação e na educação física brasileira, principalmente na primeira metade do século XX, e as formas de participação das mulheres nos esportes. Fica clara a intenção da autora em mostrar uma história que não é linear, que não é feita apenas de interdições e submissão feminina, como demonstra ao utilizar os binômios “sombras e visibilidades”, “exibição e ocultamento”, “incentivos e interdições”, “silêncios e incentivos” e “encontros e desencontros”.

Ao debater a construção do corpo da mulher na educação e na educação física brasileira no início do século XX (GOELLNER, 2000, 2001, GOELLNER E FRAGA, 2003 E 2004) os/as autores/as trazem a idéia do projeto de um “corpo-nação” que visa uma formação moral e física do povo brasileiro, pautado nos princípios higiênicos e eugênicos, onde a educação física torna-se meio fundamental para este fim. Quanto à participação das mulheres nos esportes (GOELLNER, 2005a, 2005b e DAL SIN E GOELLNER 2006) as autoras destacam que a pouca visibilidade sobre a mulher neste segmento, observada nas fontes dos estudos históricos, deve-se a idéia de natureza feminina e associação entre esporte e masculinidade, justificada pelo perigo que as práticas trariam a saúde da futura mãe. O modelo de feminilidade associado à aparência corporal e à certa moral, era



incompatível com os traços ditos masculinos da mulher atleta, além de provocar a dúvida quanto a sua identidade sexual. Apesar dos preconceitos sociais, os trabalhos mostram como, de alguma forma, as mulheres praticavam esportes, transformando-os em espaços de sociabilidade e de transgressão à dominação masculina. É justamente por estas contribuições que a autora foi referência para outros pesquisadores.

No artigo sobre as representações sociais sobre as atletas, Mourão (2000) mostra como a “liberação” gradativa da prática esportiva feminina pela família e pela sociedade não foi acompanhada por grandes mudanças nas representações. Se, inicialmente, as práticas corporais femininas eram associadas e ajustadas para o aperfeiçoamento de seu papel reprodutivo, na metade do século XX as primeiras competições femininas contribuíram para novas representações, ligando o esporte com a graça e a beleza, ou seja, o modelo estético corporal tipicamente feminino. No mesmo artigo a autora já atenta para a mídia como grande influenciadora das mudanças destas representações, porém é no trabalho em parceria com Marcia Morel (MOURÃO E MOREL, 2005) que a mídia ganha destaque, ora como incentivadora e divulgadora do esporte feminino, ora como reforço das representações e estereótipos, ajudando a tornar o esporte vulnerável. A mídia aparece para as autoras como responsável também por incentivar polêmicas, interdições e normatizações, reforçando e refletindo fenômenos sociais. Assim como nos estudos de Goellner, as práticas esportivas para mulheres aparecem relacionadas com a aquisição de uma boa saúde segundo os ideais eugênicos, e com a necessidade de manter sua feminilidade, como por exemplo, podem remeter os concursos de beleza junto aos Jogos da Primavera.

Em dois artigos Luiz Carlos Rigo e colaboradores analisam imagens e discursos acerca das práticas esportivas na cidade de Pelotas em meados do século XX, período de ampliação da participação feminina nos esportes. Os/as autores/as destacam que, apesar das diferenças de gênero, as similitudes das “memórias corporais” de homens e mulheres situam-se na sociabilidade propiciada pela prática esportiva (RIGO et al, 2008). Outra contribuição trazida pelos autores é o sentido ambíguo encontrado nas formas de participação feminina observada nas primeiras equipes femininas de futebol e no controle e vigilância que conduzia o comportamento das nadadoras (RIGO et al, 2008; RIGO et al, 2005).

Sob o ponto de vista da fisiologia, Fátima Palha de Oliveira (2006) defende que a inserção da mulher no esporte e a conscientização sobre suas capacidades devem-se a evoluções no conhecimento científico. A autora explica a incompatibilidade da crença numa suposta incapacidade física feminina, justificativa para o impedimento da participação nos esportes e nas olimpíadas, num



tempo onde as mulheres realizavam trabalho pesado no campo. Além dos diferentes papéis sociais atribuídos aos sexos e o medo da masculinização, o desconhecimento sobre o organismo feminino contribuiu para dificultar a inserção feminina.

Assim como Goellner e Mourão, referidas anteriormente, Devidé (2004) apresenta a relação do esporte feminino do início do século XX com as representações sociais de graça e feminilidade atribuídas ao modelo de mulher brasileira. Quando o olhar é direcionado para o período que segue a década de 1960, Fabiano Devidé e Sebastião Votre (2005) discutem como o alto desempenho das atletas e as mudanças corporais provocavam reações sexistas na sociedade. A visão masculinizada atribuída ao corpo das atletas era reforçada pelo discurso médico que as conferiam desvios morais e sexuais. Os autores chamam de “quadro hipercomplexo” a situação das atletas profissionais que “freqüentemente deparam-se com a questão de como ultrapassar o abismo entre as expectativas culturais estereotipadas de sua feminilidade e os requisitos da excelência atlética” (p.125).

Outros dois estudos encontrados foram de Paula Viviane Chiés e Maria C. P. Silva e Tânia C. V. Ferreira. O estudo de Chiés buscou indícios da participação feminina em Jogos Gregos, entre eles, os Jogos Olímpicos. A autora trata da educação da mulher naquele contexto, participação das mulheres nas modalidades esportivas e aponta para uma discussão sobre o efeito da cultura nos cotidianos de mulheres pertencentes à Grécia antiga e à sociedade atual, sugerindo justificativas e comparações entre as diferentes sociedades (CHIÉS, 2006). No estudo de Silva e Ferreira outro enfoque é dado na análise da história de duas escolas importantes de Juiz de Fora/MG. As autoras afirmam que a educação nessas escolas era responsável pela formação de masculinidades, ditando atitudes comportamentais, gestuais, modos de vestir, falar, andar, etc. A produção das masculinidades se dava por meio do disciplinamento dos corpos e uma pedagogia da sexualidade, onde se fazia útil a educação física (SILVA e FERREIRA, 2004).

Análise e considerações sobre os estudos: diálogos e reflexões

Um aspecto comum abordado nos artigos analisados refere-se ao medo da masculinização como uma das principais barreiras sociais para a inserção da mulher no esporte. Tal aspecto aparece tanto nos estudos sobre a história do esporte de rendimento como na história da educação geral dos corpos. Por exemplo, Goellner (2001) explica que a feminilidade no início do século XX estava associada à construção do papel social de mulher-mãe, as práticas corporais eram o meio para o controle deste corpo e preparação para maternidade, romper com esta ordem significaria a masculinização da mulher. Assim, os modelos de corpos ideais se definiam como pode ser



constatado nas primeiras obras de educação física feminina que determinava medidas corporais ideais, as quais os exercícios não poderiam alterar e nas obras sobre educação física de Fernando de Azevedo, que ignorava a existência de corpos femininos “transbordantes” (GOELLNER E FRAGA, 2003). A questão parece percorrer e perdurar no tempo, porém a partir de outros padrões, como nas décadas de 60 e 70, quando os avanços no rendimento esportivo entre as atletas e as consequências do uso de anabolizantes provocam reações de preconceitos em virtude das mudanças no padrão corporal feminino instituído (DEVIDE, 2005).

Para manter esta ordem social e este padrão de feminilidade, a inserção da mulher no esporte, mesmo incentivada como meio para manter a saúde e a beleza, é marcada por condicionantes ou “colocadas em suspeição” (GOELLNER, 2001), pois não deveriam romper com as representações dominantes de feminilidade nem provocar o afastamento de seus deveres. É exemplo a natação, que apesar de ser aceita era mantida sob vigilância (RIGO et al, 2005), e a interdição do futebol feminino pelotense no momento em que começava a se organizar como o futebol masculino, demandando viagens, roupas e calçados usados pelos homens (RIGO et al, 2008).

Os estudos sobre a história recente evidenciam uma transição da relação do esporte com a saúde para o esporte, relacionado com a espetacularização dos corpos esportivos femininos (GOELLNER, 2005a e MOURÃO, 2000). Nos estudos pesquisados, há predominância quase absoluta da história das mulheres no esporte e nas atividades físicas, já que somente 3 destes trabalhos (GOELLNER e FRAGA, 2003; RIGO et al, 2005 e SILVA e FERREIRA, 2004) abordam a visão da masculinidade. As reflexões sobre masculinidade aparecem pouco desenvolvidas se comparadas às de feminilidades.

O principal aspecto citado dos discursos e das práticas corporais (educação física), ancorados nos ideais higienistas e eugênicos do início do século XX, educou o corpo da mulher conforme um modelo de feminilidade relacionado à saúde e à beleza e perduram na forma de estereótipos atribuídos a cada sexo. As contradições na história dos esportes e da educação física permanecem na atualidade através dos estereótipos de feminilidade. O obstáculo atual no esporte profissional parece ser manter o padrão de feminilidade esperada e alcançar o desempenho atlético desejado. Na educação física ainda são observadas dificuldades em universalizar, para meninos e meninas, práticas estereotipadas como é o exemplo da dança.

A análise das pesquisas permitiu destacar que os estudos compreendem das primeiras décadas do século XX até a atualidade, destacando períodos de silêncio e ausência de registros. As



imposições e preconceitos encontrados nos estudos tinham como base as teorias das ciências médicas e biológicas onde o corpo da mulher aparece como determinante de suas construções sociais referentes à maternidade e feminilidade. Determinações sociais presentes mesmo nas práticas conquistadas e/ou incentivadas, como por exemplo, as exigências em relação à aparência feminina. A história das mulheres na educação física esteve marcada pela não linearidade, e por paradoxos que permanecem na atualidade.

Bibliografia

- CHIÉS, P. V.. « Eis quem surge no estádio: é atalante » A História das Mulheres nos Jogos Gregos. *Revista Movimento*, v.12, n.3, set./dez. 2006.
- DALSIN, K.; GOELLNER, S. V.. O elegante esporte da rede: O protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. *Revista Movimento*, v.12, n.1, jan./abr. 2006.
- DEVIDE, F. P.. A natação como elemento da cultura física Feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. *Revista Movimento*, v.10, n.2, mai./ago. 2004.
- DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J.. Doping e mulheres nos esportes. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v.27, n.1, set. 2005.
- GOELLNER, S. V.. A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Revista Movimento*, v.6, n.13, 2000/2.
- GOELLNER, S. V.. A educação física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, ano. XII, n.16, mar. 2001.
- GOELLNER, S. V.. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Revista Pensar a Prática*, v.8, n.1, jan./jun. 2005a.
- GOELLNER, S. V.. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v.19, n.2, abr./jun. 2005b.
- GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B.. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. *Revista Movimento*, v.9, n.3, set./dez. 2003.
- GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B.. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v.25, n.2, jan. 2004.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber*. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Adaptada por Lana Mara Siman. Porto Alegre: Artmed/Editora UFMG, 1999.
- LUZ JÚNIOR, A. A.. *Educação Física e gênero: olhares em cena*. São Luís: Imprensa Universitária/UFMA/CORSUP, 2003.
- MOURÃO, L.. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Revista Movimento*, v.6, n.13, 2000/2.



MOURÃO, L.; MOREL, M.. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v.26, n.2, jan. 2005.

OLIVEIRA, F. P. de. Inserção da mulher no ambiente desportivo. *Revista Arquivos em Movimento*, v.2, n.1, jan./jun. 2006.

RIGO, L. C.; PARDO, E. R.; FIGUEIREDO, M. B.; RODRIGUES, A.; SILVEIRA, V. T.. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. *Revista Movimento*, v.11, n.2, mai./ago. 2005.

RIGO, L. C.; GUIDOTTI, F. G.; THEIL, L. Z.; AMARAL, Ma.. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v.29, n.3, mai. 2008.

SILVA, M. C. de P.; FERREIRA, T. C. V.. Educação física nas escolas religiosas: formação de diferenças histórico-sociais. *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, v.25, n.2, jan. 2004.